

Salto no escuro

Em busca do original

» PEDRO ROGÉRIO MOREIRA
jornalista



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
jornalista



piadas, fez com o líder ucraniano, que jamais tinha pensado em ser chefe de Estado, tivesse um discurso adequado para todos os momentos. Ironias, rapidez nas respostas e dureza quando necessário.

Os russos mobilizaram, no primeiro momento da invasão, 200 mil homens. Contingente maior que todo o exército da Ucrânia. Mas o presidente foi firme nos seus discursos: “Vamos manter a calma e defender nosso país”, conclamou a seus concidadãos. Ele conseguiu deter a primeira maré de homens que fugiam da guerra e reorganizou as Forças Armadas. A partir daí, viajou por boa parte do mundo para tentar obter meios e modos de enfrentar o que restou do temido Exército Vermelho. Conseguiu: segurou os russos por três anos, numa guerra prevista para durar três semanas.

Na fase inicial do conflito, os russos utilizaram 7 mil veículos blindados, avançaram na direção de Kiev pelo norte, ao longo das duas margens do Rio Dnipro, que atravessa a cidade. Parecia um ataque surpresa, semelhante ao que os soviéticos fizeram na Europa em outros tempos. Em 1956, as tropas soviéticas levaram quatro horas para ocupar Budapeste, capital da Hungria, derrubar o governo, cujo líder foi preso, torturado, considerado culpado em julgamento secreto e executado na força. Na invasão da Tchecoslováquia, em 1968, foram necessários dois dias para invadir o país e capturar Praga. Em Cabul, em 1979, as forças especiais precisaram de apenas algumas horas para invadir o palácio fortemente protegido e matar o líder do Afeganistão.

O desenrolar do conflito revelou que o exército russo em nada se parece com seu antecessor, o vermelho. Os ucranianos defenderam suas fronteiras com armas e munições enviadas por diversos países ocidentais. Soldados locais e de outros países da Europa foram recrutados às pressas. Os

russos utilizaram, no primeiro momento, mercenários contratados, o que não se revelou produtivo. Putin modificou o comando de suas forças terrestres, passou a utilizar mais drones iranianos e soldados da Coreia do Norte. No primeiro momento, foram 10 mil deles. Passaram também a utilizar equipamentos bélicos produzidos naquele país. Hoje, a situação é de relativo equilíbrio no conflito, com reduzido espaço para qualquer dos dois avançar no campo de batalha.

Mas surgiu em cena o macaco na casa de louça, Donald Trump, que mexeu em muitos pontos sensíveis do comércio internacional e demonstrou à farta sua maneira de negociar. No melhor estilo de corretor de imóveis de Nova Iorque, ele anuncia chantagem ou extorsão. Ato contínuo suspende a ajuda norte-americana à Ucrânia. É o dá ou desce na diplomacia internacional. No entanto, no discurso perante o Congresso dos Estados Unidos, Trump foi discreto e vago sobre suas ações na Europa e sua relação com Putin.

Em recente reunião do Conselho de Segurança da ONU, entrou em votação moção contra a Rússia por ter invadido a Ucrânia. A moção foi aprovada, mas teve o voto contrário de Rússia, Nicarágua, Coreia do Norte e Estados Unidos. Nunca esses países estiveram juntos em qualquer assunto internacional. Se a diplomacia norte-americana, de fato, mudou de lado e se associou à Rússia, de Putin, os governos europeus deverão mudar de posição e aumentar suas despesas de defesa. Termina a divisão do mundo desenhada na reunião de Yalta, depois da Segunda Guerra, quando os grandes dividiram o mundo em áreas de influência. O recente discurso do francês Emmanuel Macron é o capítulo anterior a uma declaração de guerra. É um tremendo salto no escuro.

Pouca gente sabe, ou se lembra, que Volodymyr Zelensky, presidente da Ucrânia, é ator de teatro, conhecido e consagrado em seu país por suas peças de humor. Ele começou na sua pequena cidade, Kryvyi Rih, localidade distante de Kiev, lembrada como periferia difícil e perigosa. Ali, iniciou sua carreira de artista sob rigorosa oposição do pai que, engenheiro, foi trabalhar na Mongólia, onde aplicou seus conhecimentos de tecnologia da informação. A família residiu naquele país por algum tempo, mas não resistiu à dieta com base em leite de égua.

Olena Zelenska conheceu Volodymyr no grupo de teatro da cidade. Ela não subia no palco, mas escrevia pequenos diálogos e criava piadas. Acompanhou o grupo até o sucesso na televisão em Moscou, quando perceberam que o pessoal vindo da Ucrânia dificilmente faria sucesso na capital do Império, ainda mais sendo judeus. Eles se casaram e tiveram dois filhos. A família, neste momento, está fora de Kiev em local secreto e fortemente protegido.

Zelensky chegou a fazer algum sucesso na televisão, em Moscou, ao tempo em que Putin ascendia ao governo. As idades são diferentes, mas os dois chegaram ao ponto máximo de suas respectivas carreiras no mesmo momento histórico. A habilidade do artista de teatro, habituado a estar no palco, e contar

Vacina contra HPV: o caminho para erradicar o câncer de colo do útero

» ALBERTO CHEBABO
Gerente de Atenção à Saúde do Hospital Clementino Fraga Filho da UFRJ e infectologista dos Laboratórios Sérgio Franco e Bronstein



Inglaterra, focando na incidência de câncer cervical e lesões pré-cancerígenas de alto grau (CIN3) em diferentes classes socioeconômicas. Os resultados mostraram que, entre as mulheres vacinadas rotineiramente aos 12-13 anos, houve uma redução de 83,9% na incidência de câncer cervical e de 94,3% na de CIN3 em comparação com aquelas não vacinadas.

As diminuições foram observadas em todos os níveis socioeconômicos, mostrando que a vacinação é eficaz independentemente do contexto social. No entanto, apesar de os números caírem significativamente, as mulheres em situação de vulnerabilidade social continuaram a apresentar taxas mais altas de câncer cervical e CIN3, sugerindo a necessidade de estratégias adicionais para reduzir essas disparidades.

O que podemos aprender com uma análise científica tão completa e longa como essa? Sem dúvida, a grande lição é que, com a cobertura vacinal ampla e programas de rastreamento adequados, é possível eliminar o câncer de colo do útero como um problema de saúde pública.

Como infectologista há quase 40 anos, acredito no potencial do Programa Nacional de Imunizações (PNI) e em campanhas sólidas para educar e conscientizar a população, como o Março Lilás, que mobiliza a sociedade para os casos de câncer de colo do útero.

Posso afirmar que estamos no rumo certo, afinal, dados do Ministério da Saúde mostraram que, em 2024, o Brasil ficou próximo da meta da Organização Mundial da Saúde (OMS) de vacinação contra o HPV, que é imunizar 90% de meninas e meninos de 9 a 14 anos. O país chegou a marca de 85% do público-alvo vacinado.

A OMS estabeleceu um desafio ambicioso para erradicar a doença até o fim do século, incluindo três pilares: vacinação contra o HPV para, pelo menos, 90% das meninas até os 15 anos; rastreamento regular para 70% das mulheres; e tratamento para 90% dos casos diagnosticados. Com essas três ações em prática, conseguimos projetar a eliminação da doença nas próximas décadas.

Mas os desafios para um país de dimensão continental são inúmeros: a começar pela epidemia de desinformação e fake news que adoece as pessoas por meio da propagação de notícias mentirosas — que se espalham como um vírus impiedoso — a respeito das vacinas, gerando hesitação entre pais e responsáveis.

Outro ponto é que, desde 2014, quando a vacinação contra o HPV começou no Brasil, a taxa de imunização de meninos é menor em 24% do que a das meninas, o que diminui a barreira para frear a circulação do vírus, de acordo com dados do Ministério da Saúde.

Para além da vacinação, o rastreamento regular por meio do exame preventivo (Papanicolaou) e do teste de HPV é essencial para detectar alterações precoces no colo do útero. Esses exames permitem a identificação e o tratamento de lesões antes que evoluam para um câncer, fator que precisa ser ampliado como rotina na atenção básica à saúde desde a adolescência.

Com a ciência ao nosso lado, vejo um futuro otimista, em que investir na imunização hoje é garantir que essa doença não seja mais uma ameaça para as mulheres. O primeiro passo é simples: vacinar-se e incentivar a imunização de jovens e adolescentes contra o HPV. O caminho para a eliminação desse câncer já está traçado. Basta percorrê-lo.

É possível pensar em um Brasil sem novos casos de câncer de colo do útero, também conhecido como câncer cervical. Não é utopia, é ciência. Estudos apontam que o caminho mais eficaz para o país atingir esse ideal já existe há quase duas décadas. Trata-se da vacina contra o papilomavírus humano (HPV), responsável por cerca de 95% dos casos desse tipo de tumor feminino no mundo.

Para 2025, segundo previsão do Instituto Nacional de Câncer (Inca), mais de 17 mil novos casos de câncer cervical são esperados. Atualmente, quase 10 milhões de pessoas estão infectadas com o HPV no Brasil, e, de acordo com o Ministério da Saúde, vão surgir 700 mil novos casos por esse vírus por ano.

Pesquisas demonstram que a imunização reduz drasticamente os casos de infecção e, consequentemente, o desenvolvimento de lesões pré-cancerígenas. Em países como a Austrália e o Reino Unido, nos quais a adesão à imunização é alta, a incidência da doença começou a diminuir significativamente.

Um estudo publicado em 2024 no *British Medical Journal*, importante periódico científico, avaliou o impacto do programa vacinal contra o HPV na

A ideia de que, em política, ninguém se perde no caminho de volta (frase do notável paraibano José Américo de Almeida) está sendo desmentida por quem percorreu o mesmo caminho duas vezes, com sucesso, e buscou de novo percorrê-lo, para decepcionar a torcida e causar até revolta em parte dela. Desolados, muitos procuram quem possa, em 2026, fazer a jornada com sucesso, mesmo não tendo nas costas a experiência do caminho a percorrer. Essa hipótese vale se o caminhante persistir na caminhada errática, de que tem dado seguidas mostras.

Tendo perdido a tramontana, ele busca atalhos já conhecidos por não levar a lugar algum, na melhor das hipóteses, ou levar ao precipício indesejado. É onde mora o perigo, sobretudo os econômicos de uma atualidade que não favorece uma jornada tranquila.

Castro Alves alertava o caminhante: “Quando vires a cruz abandonada/Deixa-a em paz dormir na solidão”. O mesmo poeta aconselha depois: “Que vale o ramo de alecrim cheiroso/Que lhe atiras nos braços ao passar?/Vais espantar o bando buliçoso/Das borboletas, que lá vão pousar”.

Ainda agora, as buliçosas borboletas do Congresso ficaram desalentadas com o perfume do alecrim que o andarilho que se perdeu no caminho de volta acaba de lhe atirar na semana passada. É uma flor preempta, portanto de odor imperceptível. O caminhante interpreta erroneamente para onde sopra o vento. Nem colheu corretamente a essência de que gostam as borboletas, as do Congresso e as que volteiam no jardim do próprio caminhante. Ele busca novamente o atalho pedregoso, de flores murchas.

É por isso que parte da plateia que assiste o caminhar do viajante errático já anda atrás de um caminhante que não consuma suas energias nem a energia da nação com quizílias. Que não faça piruetas para distrair a torcida.

Busca-se alguém com compromisso social em primeiro lugar, tal qual o caminhante que se perdeu; que governe voltado para os necessitados, como ele o fez tão bem nas duas caminhadas anteriores. E que não onere mais a classe média. Fez muito bem em procurar baixar o preço do café e do óleo; que faça mais para a cesta básica: aí mora a brisa desejada por todos neste ano de calor, que dificulta a jornada.

Busca-se aquele que, no primeiro dia de governo, desça do palanque e acabe com a farra das emendas orçamentárias. Que seja topetudo para denunciar os ladrões do dinheiro público escondidos no Congresso, no Judiciário, no próprio Executivo e no empresariado. Que rompa com o financiamento vergonhoso da enxurrada de partidos políticos cujos dirigentes só fazem embolsar o dinheiro público (imaginem: o PL tem a desfaçatez de conceder a Bolsonaro um salário de quarenta mil reais!).

Alguém, por favor, que só anuncie obras de infraestrutura depois de terminar as iniciadas. Que não desperdice dinheiro com carnaval, festivais, estádios, reuniões internacionais de qualquer cunho que outros países, mais ricos, podem patrocinar.

Que seja exemplo das virtudes que se exigem do caminhante ideal. Um caminhante que não carregue ninguém na cacunda. Que não tenha apaniguados no seu círculo de giz, nem os mais amorosos. Melhor ainda: que nem risque o círculo completo, ao contrário, abra-o, para arejá-lo. Que nomeie pelo mérito, pela expertise, pelo valor técnico.

A torcida pede que o caminhante cobre dos “países amigos”, como Cuba e Angola, a dívida real, monetária, que eles têm com o Brasil e que nos está fazendo falta aqui para enfrentar os nossos deficits sociais.

Que continue a promover uma política externa independente, mas sem sarcoteios de vanglória para a plateia da copa e cozinha. Que tenha a coragem (como o caminhante original tinha) de denunciar ditaduras do tipo Nicarágua e Venezuela. Denunciar e romper com elas.

A torcida quer um caminhante que tenha como prioritária uma política de reindustrialização do país, sem menosprezar o agronegócio e o sistema financeiro. Que coloque esses dois setores a rebouque da indústria tão fragilizada hoje e que poderá ficar mais fraca com a corrida do caminhante tresloucado dos Estados Unidos. É a indústria que tem melhores condições de criar a massa de empregos para combater a miséria nos grandes centros urbanos. O caminhante sabe na pele que a indústria é libertária.

Afinal, sem nostalgia, busca-se um caminhante igualzinho ao que o Brasil escolheu em 2003; não aquele que acabou se perdendo no caminho da volta ao percorrer pela terceira vez o mesmo caminho. Busca-se o original.